

Fonseca, pela dívida e o comércio exterior unidos

SÃO PAULO — O problema da dívida externa está intimamente ligado à política de comércio exterior e ambos devem passar a ser tratados de forma conjunta pelo Governo brasileiro durante as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI), bancos credores e os governos dos países desenvolvidos, afirma o Vice-Presidente Executivo da Cotia Trading, Roberto Gianetti Fonseca.

Para Roberto Fonseca, o Governo deve adotar uma postura mais política nas conversações e procurar demonstrar aos nossos credores — e principalmente junto aos governos dos países industrializados, que a única maneira de o Brasil saldar seus compromissos financeiros é obtendo superávit comercial. Esse aumento das exportações, porém, tem esbarrado na crescente imposição de barreiras pelos Estados Unidos e Europa, comprometendo a capacidade do País de obter saldo e pagar os juros da dívida externa.

Principal executivo da Cotia Trading, que deverá este ano registrar receita e de exportação de US\$ 1 bilhão, Roberto Fonseca defende o endurecimento das

negociações com FMI e bancos credores. Na sua opinião o País não pode aceitar por mais tempo a política de recessão imposta pelo Fundo. Ele também considera fundamental que a equipe econômica brasileira consiga o reescalamento da dívida e que as taxas de juros sejam mais baixas, pois a manutenção das taxas flutuantes representa um risco muito grande para a soberania do Brasil.

O GLOBO — O senhor tem defendido a tese de que o Governo brasileiro deve atrelar a questão do pagamento da dívida externa à política de comércio exterior. Como é isso?

Roberto Fonseca — É preciso ter visão de que o problema da dívida externa está intimamente ligado ao comércio exterior. Os países devedores não têm moeda forte, e para gerar divisas visando saldar seus compromissos eles têm de aumentar as suas exportações. O superávit comercial entre países endividados é impossível porque ninguém está disposto ou pode-se dar ao luxo de ceder entre si suas reservas cambiais. Veja o caso da América Latina onde existe verdadeira briga de foi-



Roberto Fonseca, da Trading Cotia, defende postura mais política nas conversações com os credores

ce entre os países para manter em equilíbrio a balança comercial. Portanto só têm os Estados Unidos, Europa e Japão. Só que esses mercados estão impondo cada vez mais restrições comerciais para a importação de produtos, cuja fabricação local é hoje totalmente ineficiente e sem condições de competir com os preços dos países do Terceiro Mundo.

O GLOBO — Na sua opinião, o que poderá acontecer no futuro se forem mantidas as barreiras protecionistas?

Roberto Fonseca — Se os países industrializados não abrirem seus mercados nós

não vamos ter condições de pagar a dívida. A não realização de crescentes superávits comerciais vai forçar o Brasil a ficar inadimplente e, portanto, sem poder cumprir os seus compromissos com a comunidade financeira internacional. Ai sim, vamos ter problema político, pois simplesmente deixaremos de pagar os juros.

O GLOBO — Qual o fórum adequado para o Governo brasileiro defender a tese de que o pagamento da dívida deve ser negociado junto com comércio exterior? O FMI será local correto para este tipo de negociação?

Roberto Fonseca — Acho que pretender tratar dessa questão com o FMI não seria muito eficaz. Fórum adequado para esse debate é com os Governos dos Estados Unidos e dos países da Europa. Dizer claramente: olha nós temos tantos bilhões de dólares de serviço da dívida e o nosso comércio terá de fazer saldo compatível para que possamos pagar os débitos. Eu acredito que este tipo de argumentação é mais fácil do que parece. O Governo americano quer tratar de questões relativas à balança comercial, de um lado, e balanço de serviços de outro, que hoje é basicamente juros da dívida externa. Pois bem, o Brasil não pode aceitar mais essa divisão. Temos que discutir como um todo o balanço de pagamentos. Isto é que importa. Muito bem, o Departamento de Comércio dos Estados Unidos deseja falar de exportação? Ótimo, mas primeiro vamos conversar sobre balanço de pagamentos.

O GLOBO — O senhor está defendendo o endurecimento das negociações da dívida externa com os nossos credores?

Roberto Fonseca — A questão da dívida externa

tem ganhado uma dimensão nova dentro do Governo da Nova República e sinto que está mudando significativamente a forma de negociação, na medida em que a equipe econômica tem adotado posição de endurecimento, principalmente em relação ao FMI. Afinal, não podemos aceitar a imposição de uma política recessiva por mais tempo.

O GLOBO — Como o senhor acha que o Governo deveria renegociar os termos da dívida?

Roberto Fonseca — Na minha opinião, o principal ponto que o Governo deve fechar questão é com relação às taxas de juros fixadas em determinado patamar e não mais flutuantes. Não podemos mais aceitar juros flutuantes, que representam o principal risco para agravamento do problema da dívida externa e de comércio exterior. Historicamente, as taxas de juros americanas sempre ficaram dois ou três pontos percentuais acima da inflação. A partir de 1981, essa taxa pulou para 8 e 10 por cento acima da inflação, o que provocou a drenagem das reservas cambiais dos países devedores.